

Renan poderia dar lugar a jurista

Como contrapartida, o PMDB ganharia Agricultura, hoje com o PPB.

Catia Seabra e João Domingos

• BRASÍLIA. Além da esperada queda de Celso Lafer (Desenvolvimento Industrial), o ministro da Justiça, Renan Calheiros, também corre o risco de sair do Governo. Segundo fontes ligadas ao Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso gostaria de nomear um jurista, sem laços partidários, para o cargo de Renan. Em troca, o PMDB, possivelmente o de Minas, seria contemplado com o Ministério da Agricultura, hoje com Francisco Turra (PPB). O problema será convencer o PMDB, cujos caciques voltaram a defender ontem a permanência dos ministros políticos na Esplanada.

— O PMDB se sente motivado a participar do Governo e se satisfaz com seus três ministros. Não vejo razão de se criar marola e reabrir a disputa na base — disse o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA).

A reforma deverá ser anunciada em cerca de dez dias. E, embora os peemedebistas assegurem ter obtido de Fernando Henrique a garantia de que seus ministros ficam, cresce no Governo, com apoio do PSDB e do PFL, a proposta de nomeação de um jurista para a Justiça. Essa, dizem governistas, seria a

forma de evitar dificuldades que o Governo vem tendo no relacionamento com o Judiciário, em especial com o Supremo Tribunal Federal (STF). A escolha de um peemedebista mineiro para a Agricultura poderia também neutralizar a insatisfação que o poder de Pimenta da Veiga (Comunicações) provoca.

— Como beneficiar uma bancada dividida como a de Minas? Sem chance — descartou um peemedebista, lembrando que boa parte da bancada mineira está com o governador Itamar Franco.

ACM não defende reforma profunda no Ministério

A hipótese de profunda reforma no Ministério desagradou ao presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Ontem, ele desautorizou, veladamente, o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), que, na véspera, pregara um drástico enxugamento do Ministério. Afirmando que Bornhausen é maior de idade e vacinado, Antônio Carlos disse supor que ele tenha falado da previsível extinção das secretarias ligadas ao Planalto.

— A reforma vai acontecer segundo a vontade do presidente. Ele pode fazer uma reforma ampla ou menor, que é

mais racional até. Se está contente com os ministros, por que vai mexer? — perguntou Antônio Carlos, repetindo que os ministros competentes devem ficar.

As diferentes reações à reforma revelam a divisão da base aliada, particularmente do PFL. Enquanto uma parcela do partido se alia ao PMDB contra mudanças radicais, outra parte, contrária com o espaço delegado aos baianos, quer a redução do Ministério. O líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG), que esteve ontem com o presidente para discutir a reforma, duvida que haja um redesenho da Esplanada.

— Não esperaria reformas radicais, mas pontuais. Não aposto nesse caminho (o de Bornhausen) — disse Aécio.

Os peemedebistas ressaltavam ontem que deixam Brasília no recesso, certos de que o partido não será abalado. Para um pefelista, a impressão é falsa:

— O presidente já conversou com o PFL e o PSDB. Se o PSDB e o PFL estão tranquilos, e o PMDB não, a gente imagina quem vai perder espaço...

A hipótese de saída de Turra afeta outro aliado, o PPB. Líderes do partido lembram ao presidente que, com a perda de um ministro, parte da bancada migrará para o PFL e para o PMDB. ■